



# *Rio Violento*

Primeira Parte

Zona Norte do Rio de Janeiro. Anoitece. É sexta-feira. As ruas fervilham em trânsito nervoso, até que se tornam momentaneamente vazias. Mais tarde, porém, começam a surgir os automóveis rodando em lentidão: seus ocupantes buscam os prazeres noturnos. A noite parece que acalma as pessoas, especialmente porque muitas estão desobrigadas de ouvir o tilintar do despertador chamando-as ao trabalho no dia seguinte. Nem todos labutam no sábado.

Como sempre, a Boate Neve está superlotada. Os principais clientes são jovens da Zona Sul em busca de divertimento, sexo e droga, que nunca faltam nas imediações nem dentro do salão feito de luzes em rodopios alucinantes, homens e mulheres indo à loucura em evoluções sensuais ao ritmo estridulante do heavy metal. Em meio à diversão, o tráfico rola à vontade, garantido pelos seguranças da boate: milicos e ex-milicos chefiados por um tira. Até há ciúmeira entre eles, porém sem grandes conseqüências, pois ninguém quer perder tão rentável bico: o dono, Florenço Gandini, paga bem.

Desde a inauguração, a freqüência na Boate Neve vem aumentando em ritmo avassalador, nem tanto pela qualidade do som, de estourar os ouvidos e os miolos: mulheres, bebida e tóxico são os chamariscos irresistíveis. Até o nome fantasia sugere que ali é lugar do "branco" e das orgias, e junto vêm os problemas, alguns graves e a demandar ação enérgica contra os recalcitrantes. Para tanto, contudo, não há de haver segurança melhor: homens forjados no risco, cada qual com vasto currículo de combate a criminosos, alguns até afastados da corporação em razão de faltas disciplinares graves ou de indiciamento em crimes assustadores. Sim, são perigosos e conhecidos por toda a gente que ali comparece e pode se divertir e consumir drogas à vontade, desde que não quebre as regras, e uma delas é a reciprocidade no trato lhamo entre as pessoas.

Motivo para que todos se respeitem há de sobra: pancada e até sumiço. É óbvio que ninguém assume autoria de nada, tudo fica na conta de traficantes do morro próximo, que, por acordo prévio, bancam o jogo pesado das mortes, e estas sempre ocorrem, sobretudo quando pessoas desavisadas cantam marra no local. São logo alertadas para as rígidas regras, mas, se as desrespeitam recebem a punição, que vai do simples convite para se retirarem ao extremo do assassinato, quase sempre se sumindo com os corpos num rio qualquer da cidade ou jogando-os num matagal longínquo, onde, em nudez, são desfigurados por ácido e depois torrados em labaredas de pneus untados em gasolina e óleo diesel. É fogo tétrico, que solta fumaça negra de carne humana queimando misturada à borracha. Não sobra nada, e quando os restos calcinados são encontrados os desinfelizes vão para baixo da terra como indigentes. Afinal, teste DNA é para apurar sumiço de bacana...

Para promoverem a desgraceira, os baluartes da segurança prestam serviços semelhantes aos próprios traficantes. Na verdade, tudo está ajustado, apesar de ser no mínimo estranho. Mas no batalhão e na delegacia não há qualquer interesse em perturbar as pessoas que freqüentam a boate, muito menos conhecer os abusos decorrentes do seu funcionamento. Os que podem atrapalhar com seus poderes funcionais recebem polpudas propinas, além de utilizarem o grupo para resolver contendas particulares: eles sabem ser difícil reunir turma tão violenta e perigosa. Sim, são matadores implacáveis, e contam com aparato de fazer inveja, não só de carros velozes, constantemente substituídos, mas também de armas sofisticadas que possuem a rodo.

Obviamente, os carros são roubados e, depois de recuperados, entregues a Galo Cego por policiais que dele recebem pagamento em dinheiro ou cocaína. E, quando um carro é usado em ação criminosa, basta abandoná-lo em qualquer lugar para a polícia

novamente o recuperar, ficando na conta dos que anteriormente o furtaram as conseqüências dos crimes praticados mediante seu uso, ou sob a responsabilidade de algum azarado proprietário, ampliando-se, destarte, seu prejuízo material e moral...

Em meio a alguns seguranças há a liderança de Galo Cego, negro, magro, alto, olhar penetrante e indecifrável. No quartel, ele é cabo, conhecido apenas por Teixeira; e é Galo Cego devido à cicatriz próxima do olho esquerdo, fruto de moto tombada no asfalto. Mas o corte, embora medonho, não lhe afeta o olho, apenas fora malcuidado, resultando a feia cicatriz que lhe dá a falsa impressão de cegueira. Falsa, sim, pois ele enxerga feito lince. De resto, a antonomásia é mania de quartel em trocar apelidos, espécie de gozeira entre eles.

Ninguém sabe absolutamente nada da vida de Galo Cego. Seu endereço residencial é desconhecido até por colegas mais próximos. Sabe-se que veio de Minas Gerais para tentar a sorte no Rio de Janeiro e ingressou na PM, onde cumpre quase dez anos de serviço. De resto, ele nunca comenta sobre seus ascendentes ou descendentes ou amigos, se é que os possui. É misterioso, e o mistério se integra ao seu sombrio perfil de assassino sem limite.

Galo Cego é tão perigoso que até seu chefe direto, Faustino, respeita-o em exagero. O tira chefia o grupo porque se iniciou na segurança desde a inauguração da boate, além de antes trabalhar para Florenço Gandini em outros negócios ligados ao lazer. Sim, porque o dono da boate é proprietário de tudo que é bar, restaurante, motel, termas e demais locais de entretenimento na região. Mas a boate é o ponto nevrálgico, representa o acordo de coexistência pacífica entre a prostituição e o tráfico, um negócio empurrando o outro. O que se vê, de resto, é comércio de fachada para lavagem do dinheiro apurado na parceria criminoso do mandachuva Florenço Gandini com o traficante Tonho.

A Boate Neve simboliza a perfeita interação entre o morro e o asfalto, junção harmoniosa entre líderes de dois territórios marcados. Ambos, homem da noite e traficante, controlam a ferro e fogo seus assalariados e a imensa clientela. Enfim, trata-se de lucrativo negócio de submundo, mas com o mundo, o sistema, a polícia, tudo mui bem controlado... E Faustino, o tira, está ainda vivo porque Galo Cego, mesmo não gostando de ser o segundo, não é capaz de se arriscar a contrariar Florenço Gandini, notório explorador de lenocínio e coadjuvante no comércio de entorpecentes. Porém, se admoestado, sempre nega o fato com o singelo discurso de que é modesto comerciante, empresário da noite etc. Todos sabem, porém, que é balela pura, mas sua fala não muda, e o tempo passa, e os negócios dele prosperam deveras, e seus comparsas se tornam a mais e mais perigosos...

- Pingo, quero você, Meleca e Demo pra fazer um serviço comigo! Vai ser meia-noite - ordena Galo Cego.

- Que serviço, Galo Cego? Logo hoje, que a casa tá cheia? - reclama Pingo.

- É, e você vai ver por que escolhi esta noite - insiste com autoridade Galo Cego.

- Falou! Vou avisar a Meleca e Demo. Que vai ser? - Pingo acolhe a ordem em subserviência.

- Vamos levar pro rodo aquele casal que tá devendo a Tonho. Ele pediu pra repar os dois e vai ter uma grana extra pra nós! - explica Galo Cego.

- Pô, entendi!... O caszinho chegou cedo. Eles tão doidões; já cheiraram paca! - exclama Pingo.

- É, mas não pagaram nada na semana passada e disseram que Tonho tem mais é que se foder... - sentencia Galo Cego.

- Pô, Galo Cego, do jeito que tão loucos, nem vale ligar pro que disseram - retruca Pingo.

- Num vale? E o pessoal que ouviu eles ofendendo o homem? Num vão querer saber se falaram porque tavam doidões; vão achar que Tonho é frouxo. Por isso, rodo neles!... - encerra imperativamente Galo Cego.

Quando o casal é puxado para fora da boate, ninguém estranha. Trata-se de cena corriqueira e não há quem vá além do interesse de se divertir com alguma garota e consumir droga. O próprio casal, de tão mamado no álcool e cheirado na cocaína, nem percebe que está sendo arrastado para a morte. Na verdade, ele e ela são educadamente convidados a um papo do lado de fora, por Pingo, e saem numa boa. Nem quando embarcam no carro, já meio à força, desconfiam; pensam estar seguindo para a delegacia levar um tranco ou ao morro acertar a conta com o traficante. Eles têm nas algibeiras o dinheiro e não se preocupam, até que se vêem algemados e empurrados para baixo, entre os bancos de trás e da frente do carro assassino: ficam com as caras enfiadas no assoalho, sem noção do destino que o carro toma. Quem segue na frente é Galo Cego, dirigindo, tendo Pingo a seu lado. Atrás, pressionando o casal contra o piso do carro, vão Meleca e Demo; este último é irmão de Pingo. São os piores, esses quatro, e há mais seis milicos e ex-milicos se revezando na segurança da boate, e mais Faustino, o tira, o que perfaz onze cabeças, porém Faustino nunca se mistura. É o chefe.



O carro costeia o rio em local ermo. A escuridão toma conta de tudo. Ali é lugar de moradia da morte, que vem rápida e sem explicação: tão logo o rapaz e a moça são empurrados para fora do carro recebem na nuca as balas mortíferas. Nem gemem. Caem abraçados a medo e morrem sem a exata noção de que naquela noite alcançariam o fim. A desova é igualmente veloz, corpos desnudados e jogados no leito do assoreado rio, não sem antes terem as vísceras expostas em profundo talho desferido por Meleca. Assim vão ao fundo e se transformam em comida de peixes e crustáceos. Logo serão ossada depositada no fundo do rio e ninguém jamais saberá do casal que tivera a audácia de zoar conversa mole e lesar traficante-mor. O sumiço será sempre associado à dívida e, principalmente, às frases ofensivas que eles lançaram no ar contra Tonho. E, num outro ponto ermo e distante do local da desova, uma pequena fogueira incinera as vestes e os pertences do casal que sumira do mundo por estar em hora e lugar errados...

## DOIS

Galo Cego faz muito tempo excogita um plano audacioso. Mas nada fala, é precavido. Tem dúvida se deve abrir sua idéia aos comparsas, o risco é grande, eles podem não aceitar e bater com a língua nos dentes, deixando-o mal. Daí não externar o que lhe passa pela cabeça. Resolve então manter a rotina e aguardar melhor momento pra escolher os parceiros ideais à execução do seu mirabolante plano. É jogada para enriquecê-lo da noite para o dia, assim como aos escolhidos para tresloucada tarefa trancada a sete chaves na sua cachola. Enquanto isso, ele se dedica à rotina de garantir a tranquilidade na boate, além do atendimento a poucos amigos em empreitadas contra desafetos, sejam ou não bandidos, não lhe importa. É assim seu estilo de liderança, tanto que o antigo companheiro lhe pede ajuda para resolver um problema...



O PM Albertinho trabalha no serviço de trânsito em batalhão no centro do Rio. Quando transferido, chega pensando navegar em mar calmoso, jamais imaginando que no seu dia-a-dia se inserisse a hostilidade dos pivetes, que, além de incomodarem impertinentemente os usuários de veículos nos semáforos, de quando em quando os assaltam ameaçando-os com facas e armas de fogo, o que também expõe o próprio milico ao risco.

A insistência do problema obriga-o a agir contra os menores, conduzindo-os à delegacia. Fica contrariado, pois, afinal, escolhera trabalhar no trânsito para ter paz, depois de enfrentar ferozes bandidos em áreas perigosas. Mas, em vez de conquistar a esperada calma, dá com os pivetes infernizando-lhe a vida. E não mais consegue conter a ira contra as crianças, que mais parecem moscas zunzindo em torno do seu prato de comida. A raiva se amplia a mais e mais na medida em que percebe não adiantar prendê-los. Em pouquíssimo tempo, a gurizada volta às ruas a somar delitos à vasta lista de ocorrências que o impelem à ação fora da rotina do trânsito.

- Galo Cego, preciso de você. Tenho de dar um corretivo nuns pivetes que me andam aloprando. Já fiz de tudo, prendi, ameacei, bati em alguns, mas não adianta. Eles são do caralho! Não me respeitam! Insultam-me, jogam pedras e me levam à loucura. Preciso acabar com os putos...

- Pô, amizade, você me conhece! Só se for pra passar o rodo. É o que fiz aqui quando eles tentaram azucrinar meu pedaço. Havia um marmanjo, o chefe. Foi todo mundo pra vala! É o que você deve fazer!

- Mas, irmão, você sabe que meu negócio é outro. Não sou entrosado com o pessoal lá do batalhão. Minhas amizades são no nosso antigo quartel. No batalhão, tô no sapatinho. Nunca me envolvi em problema e tô ganhando boa grana. Mas esses pirralhos são enchendo o meu saco! Dei de bonzinho e perdi o respeito deles. Você tá certo. Agora, só matando os putos!...

- É fácil. Mas tem de reparar e deixar lá mesmo, pra servir de exemplo. Se não fizer assim, logo vêm outros de montão...

- É verdade. Mas antes quero mostrar a você quem são eles. Há uma porrada deles e até confunde a gente. Bem, posso contar com o amigo pra essa parada?...

- Positivo!...



Com essa disposição demoníaca, Galo Cego se reúne com Pingo, Meleca e Demo Albertinho se encontra com eles na porta da boate por volta das 22 horas. Conversam bebericando uísque e cafungando, quando então saem em direção ao local onde dormem os pivetes. O que ninguém sabe é que Galo Cego, impenetrável, resolvera não perder a viagem... No seu íntimo decidira matar quaisquer moleques naquela mesma noite. Afinal, que faltava? Nada, absolutamente nada, era só chegar, fuzilar e pular fora.

A cocaína e o uísque comandam a malévola intenção de Galo Cego. Quando a externar, será como está matutando. Sem nada saber, porém, a carruagem da morte segue seu sombrio destino... O relógio bate duas da manhã. O carro inicia um rodopio sinistro em torno da igreja e arredores. Seus ocupantes, frios assassinos, olham em

busca dos alvos: os pivetes, que dormem envoltos em panos velhos, papelão e jornais lidos, juntinhos entre si a espantar o frio. Mas não espantam a morte, que os alcança em forma de homens armados e liderados por quem já deliberara ceifá-los sem dar ciência aos demais...

Galo Cego é o primeiro a saltar ao avistar os moleques, e, como besta-fera, faz sua arma vomitar muitos tiros sobre eles, que nem tempo de se espantar têm. Alguns morrem ali mesmo, outros saem em disparada, um deles corre, mesmo ferido. De cima de uma marquise, duas crianças com os bugalhos quase lhes saltando das órbitas reconhecem o milico Albertinho... E eles, os matadores de crianças, dão-se por satisfeitos e vão embora rodando lentamente o carro em direção à fuga. Nada é precipitado, tudo é feito muito friamente. Entretanto, alguns estão frios de pavor com a ferocidade de quem não lhes dera tempo de pensar: Galo Cego.

O clima dentro do carro é de silêncio pesado. Galo Cego quebra-o, falando:

- Tá feito. Agora, cada um pro seu lado. E aí, Albertinho?...
- Pô, irmão, era só pra reconhecer os moleques!... Não sei, acho que vai sujar...
- Como vai sujar? Não era o que você queria? Essa molecada não tem nome nem cara. É tudo igual! Nem dá pra saber quem é branco ou preto. Tão sujos pra caralho! Ora, camarada, é só ficar no pianinho e deixar o tempo passar!...

### TRÊS

O nervosismo toma conta da cidade. Logo ao amanhecer os passantes se espantam com o movimento de policiais e da imprensa em volta dos corpos espalhados pelo chão em espetáculo tétrico. Sob o brilho do sol, as cobranças emergem veementemente. Representantes de ONG monopolizam as entrevistas, tornando-se o fato criminoso um conveniente movimento político-ideológico, com os prosélitos disputando aos empuxões a ribalta improvisada em torno dos corpinhos ensangüentados. Mas as crianças, por acaso, recebiam alguma ajuda desses abutres sociais? Não, neres de pitibiriba!...

A imprensa, aterrada ante a impressionante brutalidade, e sempre maliciosa, culpa os governantes, estes, ainda mais atônitos que os profissionais de rádio, tevê, jornais e revistas, inclusive do exterior, representados por seus correspondentes. Pressionadas por todos os lados, as autoridades públicas engolem a voz sem saber que falar. Estão entupidos até o gogó de vergonha, se é que um dia a tiveram.

Em pouco tempo, como explosão duma bomba atômica, a notícia varre o mundo, que subitaneamente se restringe ao pequeno espaço ocupado por corpos infantis ensangüentados – decepcionante síntese do descaso geral com a pior face da miséria: a violência urbana... É o que vociferam em teatral indignação os críticos sociais, como se não tivessem nenhuma culpa pelo fato de crianças vaguearem pelas ruas. Enfim, tentam tirar proveito dos corpos mortos tais como os urubus o faziam ao disputar o lixo fétido com aqueles meninos já semimortos pela miséria extrema...

### QUATRO

No quartel-general, o comandante da PM determina reunião de emergência. Sobre ele recaem acusações de omissão; pesa-lhe a responsabilidade maior pelo brutal assassinato ocorrido a pouca distância de muitos batalhões. "Onde estava o policiamento?", indagam. Mas não há resposta plausível, tudo soa mal ante a cena de sangue que estupora o mundo.

- Capitão, mande vir os chefes do serviço secreto, da corregedoria e da chefia de polícia! Mande vir também o comandante do batalhão da área. Quero-os aqui em meia hora! Vá, vá logo! – o comandante da PM diz ao ajudante-de-ordem.

Na hora marcada, desencadeia-se a discussão do caso. O chefe de polícia sugere que as investigações se iniciem pelo batalhão, estranhando que nenhuma radiopatrulha do setor onde ocorrera o fato tivesse-o percebido nem depois de ocorrido.

- Comandante, vamos apertar o cerco em torno dos PMs que cobrem aquele setor de patrulhamento. Os moleques lhes infernizavam a vida. Foi vingança... - diz o major.

- Qual será sua primeira iniciativa? - indaga o comandante da PM.

- Bem, começarei prendendo os PMs que cumpriam escala na madrugada, inclusive o tenente que socorreu o sobrevivente. O tenente não o interrogou pra saber o que houve. Limitou-se a conduzi-lo ao hospital.

- Major, espere aí, acho que a primeira preocupação do tenente deveria ser a de socorrê-lo, e foi o que ele fez...

- Sim, senhor!... Mas há altas autoridades em contato comigo... Estão designadas pra acompanhar as apurações e aceitaram bem a minha tese. A imprensa também se empolgou... Com carta-branca, posso livrá-lo dessa. Se não, prefiro ficar de fora...

- Não! Não!... Cuide do caso. Não quero ter problemas com a imprensa nem com o governador... Mas você está me atropelando... Até a imprensa já sabe?...

- É pro seu bem, comandante! Tenho prestígio na mídia... Estou com um suspeito, o PM Albertinho, que muitas vezes se atritou com os menores e alguns ele até os prendeu...

- Ora, major, isto é prematuro! O PM, pelo que você diz, só cumpriu com a obrigação dele...

- É, mas o senhor há de convir que é do atrito que surge a explosão. Prender o tenente e o milico é um meio de saciar a opinião pública...

- Mas à custa de infortuná-los, major?...

- Ué, comandante, então o infortunado será o senhor! Já se fala em demissão. A imprensa tá comentando... Estou pretendendo evitar... - insinua o major, enquanto olha significativamente para o chefe do serviço secreto, que lhe meneia a cabeça em submissa aprovação.

- Tudo bem. Você tem sido um ótimo auxiliar. Prefiro deixar tudo por sua conta. Você tem bom contato com a imprensa. Acho que facilitará a minha vida...

- Com certeza, comandante! Pode confiar em mim!

- Vá em frente! Saberei reconhecer... Aliás, acho que é hora de promovê-lo...

## CINCO

Aquela atrocidade não fora a primeira nem seria a última comandada por Galo Cego. Segundo futricas disseminadas à boca miúda, anos antes, e por conta dele, alguns jovens favelados e suas namoradas desapareceram como por encanto...

Galo Cego e seus comparsas se reuniam costumeiramente num sítio em região rural próxima do Rio. Pertencia a Pingo e Demo e, por isso, todos eram bastante conhecidos no lugar, inclusive mantendo amizade com policiais destacados na distante localidade, que, para variar, era submetida à mesma cultura de controle informal da criminalidade mediante eliminação sumária de delinqüentes por grupos de extermínio.

Naquela roça, nos fins de semana, os policiais se agrupavam em torno da degustação de churrasco regado a bebedeira. Destarte, e sem que houvesse intenção, o lugar se transformara em perigosa arapuca. Sem o saber, para lá foram passear uns jovens, nem tão inocentemente, porque, na verdade, eram assaltantes e seqüestradores acompanhados de suas namoradas, algumas desavisadas e outras, não... Mas deixemos cair o pano desta segunda história e tornemos à primeira...

## SEIS

Antes de o chefe de polícia mandar recolher Albertinho à prisão disciplinar, já duas crianças vinham afirmando tê-lo visto descendo do carro lado a lado com o matador. Garantiam ter ouvido Albertinho chamá-lo pelo apodo "Pelé". Não era nenhum "Pelé", era Galo Cego. Já Albertinho, – imediatamente acusado como um dos autores da chacina, – fecha-se em peremptória negativa. Mas, segundo estranha idiossincrasia do chefe de polícia, as prisões logo alcançam outros milicos, inclusive um negro que fora colocado entre dois brancos para reconhecimento pelas crianças sobreviventes. É lógico que o único "Pelé" teria de ser o negro, que é preso como autor do tenebroso crime, apesar de jurar inocência e ser consagrado evangélico. Sua arma sempre fora a Bíblia...

E o tenente?... Ele e um civil são jogados aos leões ante a aclamação de uma platéia ávida de sangue dos assassinos, fossem ou não assassinos, desde que assim apontados, e estes o foram porque socorreram o sobrevivente, que inicialmente os reconheceu como seus salvadores, mas que, depois, orientado em malícia por representante de ONG, passara a acusá-los como seus agressores. Então acontece o incrível: de salvadores, e buchas de reconhecimento, os três tornam-se réus, somando-se ao único que possivelmente participara do crime: Albertinho.

Pronto! Eis solucionado em tempo recorde um dos mais bárbaros crimes acontecidos no Rio, embora lotando a cadeia de inocentes e mantendo os culpados à solta, passeando tranqüilamente na esteira da impunidade. Porém, passados mais de três anos, a chacina é finalmente elucidada, ficando comprovada a inocência de três presos pelo badalado investigador. O único culpado era Albertinho.

E daí?... Qual é o problema?... Por acaso é errado manter na cadeia uns "bois de piranha" para salvar o sistema da desmoralização? Afinal, que vocês queriam que o "democrático sistema" fizesse? Que aceitasse ser tachado de omissor? Ora, isso nunca!... O clamor da mídia não pode esperar. Não há paciência! Então, que os cristãos sejam jogados aos leões...

"Quá-quá-quá!", riram todos, pois foi engraçadíssimo quando descobriram que o negro encarcerado em humilhação por três anos era inocente!... Mas que trapalhada dos diabos, hein?... Como se pôde confiar em que criança, ao reconhecer um "Pelé" entre dois brancos e um preto, optasse pelo branco? E se apontasse?... Cá pra nós, nem pensar em incriminar branco em vez de preto, pois desmoralizaria a antonomásia mais famosa do mundo...

Muito mais engraçado foi o drama do tenente, que acabou trancafiado por três anos pelo crime de salvar uma das vítimas. Tão engraçado que o pai dele, velho cabo PM, simplesmente morreu, não de rir da hilariante situação do filho: enfartou em desespero!... "Quá-quá-quá!", riram novamente os investigadores de araque, pois lhes fora providencial prender inocentes em vez de culpados.

Nada ocorrera ao acaso. A hilariante prática de prender e acusar inocentes à moda manu militari vinha de longe no tempo, retrato fiel de outros episódios assim cuidados, seguindo-se a lógica, inventada pelo homem, de que a norma deve alcançar as pessoas antes do direito, este que fica sempre com seu foco distante e embaciado, além de submisso à regra imposta pelo verdadeiro poder.

Sim, jamais interessou a ninguém, ontem ou hoje, apurar se os que apuravam não estavam apurando nada, mas apenas utilizando seus desmedidos poderes oficiais para acusar qualquer um por qualquer crime para lhes garantir fama de excelentes. Mas enquanto a cambada fabricava culpados para ajudar seus amigos a vender jornais, os verdadeiros criminosos, – Galo Cego e outros não menos sanguinários, – seguiam cometendo barbaridades, como a que será narrada a seguir...

## SETE

Uns rapazes, à revelia dos traficantes da favela onde moram, se reúnem e decidem praticar assaltos e seqüestros, no que são bem-sucedidos. Todavia, ficam a descoberto em suas identidades e são perseguidos pela polícia. De repente, as ações policiais começam a dar prejuízo aos traficantes, que se irritam deveras. Deste modo, os rapazes ficam acudados por todos os lados. Conseguem superar o incômodo indenizando o chefe do tráfico. São arrojados e têm apreciável fortuna acumulada, mas quase perdem tudo numa mineira que lhes chega perigosamente perto.

Numa determinada noite, uns milicos surgem com o intuito de minerar os rapazes. Agridem as pessoas indagando sobre o paradeiro deles. Ninguém diz nada, todos se aquietam em temor, mesmo assim dois traficantes culminam presos. Mas logo vem o acerto e os milicos os liberam, deixando claro que seus alvos são os jovens assaltantes e seqüestradores, bastante para o traficante-mor lhes dar o ultimato: "Sumam!" E eles, pressionados, se mandam da favela e vão parar num sítio distante da capital. Coitados, caem naquela arapuca de Galo Cego e seus asseclas, que, por coincidência, lá estavam curtindo descanso de suas matanças...



Os rapazes não chegam tão discretamente. Com suas namoradas a tiracolo, moças bonitas e arrumadas, passam a promover incomum esbanjamento de dinheiro. A notícia escorre solta e não demora a chegar aos ouvidos do pior grupo de extermínio do Rio. Assim, em roleta-russa mandada pelo Azar, os rapazes e as moças se arremessam na linha da cobiça desenfreada dos milicos e de um tira mandachuva na região. Afinal, de tanto haverem parolado, não foi difícil a Galo Cego confirmar que os endinheirados eram devedores da Dona Justa. Entretanto, quis antes a Dona Morte alcançá-los exatamente ali, no meio do mato, através do lídimo representante do Belzebu: Galo Cego. E talvez os incautos tenham sido lançados aos leões, ou aos peixes, ou aos vermes trabalhadores da morte que moram debaixo da terra, pois é certo que nenhum deles jamais foi visto em lugar algum do planeta...

O desaparecimento dos jovens provocou imediata reação dos parentes no sentido de reencontrá-los com vida. A mobilização despertou a gula de políticos e de ONGs, que se foram aglutinando em torno do fato de repercussão internacional. Assim as aves de rapina ocuparam voluptuosamente os holofotes, instituindo uma pressão que fez acordar o sistema, que, como sempre, ainda entorpecido pelo desleixado sono, foi buscar uma rápida solução para o problema segundo a velha tese de que o crime só poderia ter sido cometido por milicos do batalhão da área onde ocorrera a tentativa de mineira. Mas Galo Cego jamais servira no batalhão visado, nem seus comparsas, e todos riam às bandeiras despregadas ao verem, pela enésima vez, inocentes acusados em seus lugares.

Passado um tempo, porém, Galo Cego de repente estremece ao perceber que uma das mães dos jovens vinha abertamente comentando que os matadores de seu filho e dos demais rapazes e moças deveriam surgir a partir da tal roça onde foram vistos pela última vez. Deste modo, começa a ganhar espaço na mídia a fala da mulher, que demonstra férrea resolução em chegar aos assassinos. Ela se vai destacando como líder do movimento de mães que buscam desesperadamente encontrar seus filhos e filhas, mesmo que porventura mortos. Mas acaba assassinada por Galo Cego, que nem pede ajuda aos comparsas. Sim, porque, com a frieza de sempre, ele seguira a mulher e a eliminara a tiros à luz do dia e na frente de todo mundo. Para Galo Cego, um serviço simples...

A partir desse audacioso crime, o retrato falado de Galo Cego deixa claro que o assassino é um negro, alto, magro e barbado. E o detalhe da barba, – que ele cultivara nos dois meses em que se licenciara do quartel alegando doença, – afastou-o da suspeita, eis que imediatamente a rapou após o crime. Cá pra nós, quem teria coragem de dizer que ele trazia antes a barba? Quem seria capaz de denunciá-lo? Ora, ninguém! Fazer isto seria o mesmo que assinar contrato com o além-túmulo. Por isso o crime fica impune, enquanto o sistema apela para a mesma tática de acusar qualquer um para saciar a mídia e as ONGs, estas que recebem de fora os dólares, e os francos e outros borós estrangeiros, enchendo as algibeiras particulares de muitas aves de rapina ideológicas (machos e fêmeas).

## OITO

Galo Cego mantém-se ativo em sua dupla atividade de gerente da venda de drogas e segurança da boate, dono absoluto do prestígio naquele local barulhento no qual predomina o brilho rutilante das luzes sobre a branquinha cafungada à larga. Na boate, excetuando-se as brigas, tudo é permitido e a proteção é total, por conta de um submundo do crime entrosado com o mundo oficial.

Toda essa impunidade, aliada à cobiça desenfreada de Galo Cego, faz novamente germinar a idéia que repousa em sua cachola lotada de diabinhos. Mas ele ainda não tem coragem de externar para Pingo, Meleca e Demo seu audacioso plano. Também seus asseclas andam assustados com a notícia de que toda a polícia está empenhada em deslindar o desaparecimento dos jovens e o assassinato da mãe de um deles. E, mesmo verificando que o foco da acusação se direciona para outros suspeitos, eles sabem que uma boa investigação, a partir do lugarejo onde os jovens foram vistos antes do sumiço, poderia levar a polícia aos seus calcanhares.

– Pô, Galo Cego, tô ficando grilado com os polícias que tão correndo atrás daquela parada... – diz Demo.

– Que parada, hein, amizade? São tantas! Como é que você quer que eu saiba o que você tá falando? Por acaso sou vidente, porra? – reage Galo Cego.

– Calma, Galo Cego! Tô falando da parada lá de longe, da roça. Tô preocupado porque tão dizendo que têm uns videntes apontando onde tão os corpos. E tem um milico importante dizendo que vê coisas olhando um copo d'água. Pô, acho que esse grandão vai ver a gente no copo d'água!... – diz Demo.

– Porra, será que você não manja que isso é nossa salvação? – Galo Cego fala.

– Como? – não entende Demo.

– Simples. Enquanto eles ficam apostando em mensagens do além e prendendo otários, nós vamos em frente! Quer saber?... Pára de falar nisso! E vale também pros outros! Senão, vou acabar tendo problema com vocês, tá legal? – Galo Cego ameaça.

– Pô, amigo, tô só comentando! Num falo mais nada! – amedronta-se Demo.

A verdade é que as apurações, na medida em que não chegam a nenhuma conclusão, mais ainda ficam badaladas, e o tempo vai afastando o crime dos criminosos, enquanto inocentes são rotulados como integrantes de grupos de extermínio inventados em estrondosos neologismos, até que há o festejado anúncio de que a polícia já sabe onde puseram os corpos. A informação surge durante uma sessão espírita. Vem endereçada a um grande homem da polícia que, por ser consagrado macumbeiro, diz abertamente receber avisos do além...

Quando o aparato policial parte ao encontro dos corpos, até Galo Cego treme na base. Os demais tremelicam de pavor, especialmente porque a "caravana espiritual" parte para a roça em busca dos corpos e muitas ossadas são efetivamente recolhidas, causando euforia nos teleguiados pelos espíritos. Os ossos são levados a exame e ocorre o estupendo fiasco: são de cachorros... Tá vendo?... Vá brincar com espíritos brincalhões, vá, vá!...

- Pô, Galo Cego, essa foi da pesada! Confesso que cheguei a pensar que os espíritos tivessem apontado o local onde nós sumimos com os corpos! – diz Pingo, mostrando os jornais que traz à mão.

- Eu num disse, porra! Que babaquice! Quer saber de uma coisa?... Se existe algum espírito por aqui, é de porco. Ou então é o Demo! Ha! ha! ha!... – graceja Galo Cego.

- Pô, gente, é melhor não brincar com essas coisas, não!... – assusta-se Demo.

- Ora, Demo, essa história só existe em cuca de babaca. Quantos malandros com guias no pescoço nós mandamos desta pra outra? Um montão, porra!... Quer saber? Hoje é sexta-feira, não é? E é dia treze, dia de azar. Quer saber? Vou matar uns três ou quatro só pra testar essa história de azar. Não acredito nessas babaquices!...

Galo Cego é, com efeito, assustador. Seus próprios companheiros estremeçam ante a resolução daquele negro ferocíssimo. Não há ninguém tão ruim, segundo comentam entre eles. E os crimes de Galo Cego repercutem tanto que a imprensa os atribui a inexistentes grupos de extermínio habilmente neologismados, quando, na realidade, são somente os quatro a matar centenas, e na maior frialdade. Mas o que vai indo de inocente à cadeia por conta das diabruras desses quatro, nem se conta. O sistema sempre tem alguém para bancar cada crime, mas tal procedimento, na verdade, serve para estimular a ação criminoso de Galo Cego e seus comparsas...

## NOVE

Sexta-feira, treze, madrugada. A boate fervilha; as imediações estão apinhadas de gente cavaqueando e esperando uma chance de entrar. A droga é vendida a granel do lado de fora, e os solícitos garçons levam bebidas e petiscos aos clientes, transformando a rua numa esfuziante algaravia.

Tudo, porém, está sob controle. Até então nenhum incidente de relevo acontecera. Em meio à balbúrdia, Galo Cego, incentivado pela garota que escolhera, ultrapassa os limites da bebida e da cocaína. Em resumo, está pra lá de endiabrado quando surge a radiopatrulha dando geral na turma. Flagra um monte de viciado cafungando. Ao ver aquilo, Galo Cego vai aos patrulheiros:

- Porra, parceiros, qual é a de vocês? – sugestiona.

- Qual é o quê? Tamos trabalhando. Num leve a mal, mas essa turma vai ter de deixar algum; se não, vamos levar todo mundo pra dura! – fala um dos patrulheiros.

- Porra, amizade, tá faltando consideração! Se vocês tão a fim duma merreca, eu resolvo. Mas avacalhar meu pedaço é sacanagem! – reclama Galo Cego.

- Pô, mano velho, sugestão não cola, não! Tá pensando o quê? Que temos medo de você? Ah, pode parar, mano velho! – devolve o patrulheiro.

- Porra, amizade, num é nada disso! Se vocês tão a fim dum plus, deixa comigo. Tonho garante o arrego. Num sabia que vocês tavam nesse setor...

- Agora tamos. E queremos ganhar algum. Esse governo num deixa a gente combater. Se a gente der geral no pé do morro, dançamo legal. É governo filho-da-puta, só deixa bandido mandar. Então a gente temo que levar grana. Pelo menos num ficamo duro. Mano velho, encarar RP aqui é fogo. Num vamo sair de mão vazia, não!

- Tá certo! Hoje dou do meu bolso. Vai também uma partida de brizola. Depois apresento vocês a Tonho e ao chefe aqui da boate. Aí vocês ficam cobertos e alinhados. Que acham? – Galo Cego propõe.

- Tá feito! Viu como dá negócio? Na marra num leva a gente de jeito nenhum!

- Tá certo, sem bronca. Dá pra todo mundo ganhar um faz-me-rir, falou?

- Falou!

- Então espero vocês no próximo serviço. Vou botar vocês pra conhecer o homem lá do morro. É gente boa...

Assim se encerra a conversa, mas Galo Cego não sai satisfeito. Há muito não é sugestionado por ninguém. Sua raiva se exacerba porque prometera aos comparsas

não deixar passar em branco a sexta-feira. Inconformado, sai atrás da RP levado por Pingo. A dupla está numa praça quando é abordada por Galo Cego:

- E aí, amizades. Fiz contato com o Tonho. Tá esperando a gente. Se vocês tão a fim de acertar a parada, levo vocês. Já combinei com ele um faz-me-rir.

- Pô, valeu, mano velho!

Galo Cego dispensa Pingo e entra na radiopatrulha, ocupando o banco traseiro. Orienta o motorista para tocar o carro até um ponto fora do roteiro de patrulhamento. Começam a subir o morro e alcançam um pequeno largo, onde param. Logo os patrulheiros avistam o carro de Pingo. Mas, antes mesmo de acordarem do espanto, recebem uma carga de tiros na nuca. Num átimo, Galo Cego pula fora do carro e embarca no outro, saindo em disparada, e assim o crime vai para a conta de Tonho, que nem um pouco se incomoda.

O fato repercute deveras, mas prevalece a desculpa oficial de que os patrulheiros estavam em infração disciplinar, eis que foram encontrados longe do roteiro de patrulhamento, num lugar altamente suspeito, sem aviso à Central de Operações etc. No dia seguinte, há os sepultamentos; no outro, ninguém mais toca no assunto. A sexta-feira, treze, ficou marcada por Galo Cego como ele prometera...

## DEZ

O assassinato dos patrulheiros aguça o instinto dos próprios seguranças da boate. Na realidade, Galo Cego somente se entrosa com Pingo, Demo e Meleca. Os demais cumprem suas tarefas e nunca se envolvem diretamente com o tráfico. Fazem vista curta e se limitam a apartar desavenças entre os clientes. De resto, quando a situação esquenta, nem precisam acionar Galo Cego. Este, ao contrário dos outros, faz olho de linco o tempo todo, enxerga longe os criadores de caso e logo dá um jeito neles. Mas que há uma nítida dissensão entre os seguranças, isto há, porque os seis não são barras-pesadas, são chefes de família buscando complementar seus parcos salários. Aceitam as regras porque ganham o que em outro lugar lhes seria impossível. Na verdade, não há risco de receberem punição, posto saberem que seus superiores estão devidamente arreglados com Florenço Gandini, o mandachuva. Mas, em relação aos quatro matadores, guardam conveniente distância, somente se reportando a Faustino, o tira, com quem se entrosam sem problemas.

Galo Cego não gosta da divisão. Fica irado por não conseguir controlar todo mundo, e mais se enraivece ante a esquivança com que é tratado por Faustino. Por duas vezes pensara eliminar o desafeto, sendo, porém, demovido por seus seguidores, o trio não menos diabólico que ele: Pingo, Demo e Meleca. Eles são quatro, um por todos, todos por um, eis a indiscutível quadrilha cujos crimes arrepiam a cidade, mas sempre colocados na conta de traficantes ou de policiais inocentes, pois assim age o malicioso sistema, ou seja, tão ou mais criminosamente que o poder marginal: vive de propina e não investiga nada.

- Porra, Pingo, num agüento mais esse tira. Tamos em desvantagem. O chefe num dá a menor bola pra nós. Só fala com Faustino. É como se a gente fosse prego. Vou te contar: tô com uma idéia... - irrita-se Galo Cego.

- Vê lá, Galo Cego! Quando você vem com idéias... - espanta-se Pingo.

- Que nada, amizade! É das boas, é pra gente ficar rico. Quando você, Demo e Meleca souber e topar a parada, vamo sair da miséria. É pra se mandar daqui rico! - exclama Galo Cego.

- Pô, Galo Cego, tá delirando? Tamo com nossa conta de crime muito alta. É melhor dar um tempo. A dos patrulheiros foi de lascar... - repreende Pingo.

- Vieram desmoralizar, porra!... - irrita-se Galo Cego.

- É, mas todo mundo sabe que foi você. E nós, que tamo junto com você. Ninguém fala porque tem medo. Tem gente ligando pro quartel... Ainda bem que lá ninguém

tem interesse de saber nadinha. Pra eles, tá de bom tamanho colocar na conta do tráfico... – alerta Pingo.

– Sei disso. Qualquer hora vou me reunir com vocês pra contar meu plano. Num vai ser tão cedo, mas vou fazer o que tô pensando. Se num for com vocês, busco outros – encerra Galo Cego.

## ONZE

Galo Cego finalmente insinua ao grupo a vontade de eliminar Faustino, mas ninguém crê que fale sério. Afinal, como penetrar em sua mente sórdida?... Contudo, enquanto seus comparsas não topassem assassinar o chefe direto, mesmo que fosse encenação, nem pensar externar o audacioso plano. Sim, levaria tempo e outros crimes aqueles demônios cometeriam, como o fizeram com dois assaltantes de ônibus que agiam nas imediações da boate. Eram muitas as reclamações de clientes. Aquilo foi irritando Galo Cego. Ele enviou recado aos traficantes pedindo para identificar os malandros: dois pivetes frios e maldosos homiziados no morro.

Sem demora, Tonho manda emissário até Galo Cego informando-lhe estar com os assaltantes manietados. Os dois suplicam para morrer e terminar o sofrimento da tortura, que, dentre outros métodos, inclui o de arrancar com alicate as unhas dos abusados. Quem depois vê os corpos dependurados num poste, próximo à parada do ônibus, entende o aviso: durante muitos meses não há de haver quem ouse assaltar naquele eixo rodoviário urbano...

Escorre o tempo. Galo Cego não tira da cabeça sua vontade de eliminar Faustino e se tornar lugar-tenente de Florenço Gandini. Não sabe, porém, que o chefão não o suporta, apenas o mantém por temer represálias. Faustino, por sua vez, já se articula com os colegas dele, policiais civis, aguardando uma chance de pegar Galo Cego. Todavia, todos têm medo dele e de seus comparsas; sabem que um sem-número de PMs devem favor aos quatro, e as reações posteriores, caso sejam retaliados, são imprevisíveis. Mas Galo Cego, em sua desmedida ambição, acabaria facilitando a empreitada de seus inimigos...

## DOZE

Mal o dia clareia, numa segunda-feira, o Golf preto estaciona próximo à Rua Visconde de Pirajá, em Ipanema. Dali, quatro homens observam o prédio de luxo de onde sairá o alvo. É um seqüestro em andamento. Pingo e Galo Cego permanecem no interior carro, o segundo ao volante. Demo e Meleca se postam nas proximidades da entrada do prédio sem despertar a atenção dos transeuntes. Separados entre si, "lêem distraidamente" seus jornais enquanto se mantêm com as antenas ligadas. Quem será o alvo? Que vítima é aguardada pelos bandidos?...

Ela finalmente vem, a menina, a pequena Isabel, 13 anos, filha única de Florenço Gandini. Que absurdo!... Mas é a filha do mandachuva quem está na iminência de cair nas garras do quarteto. Nem se sabe se voltará, eles programaram o seqüestro e previram o resgate. Não detalharam que fariam depois. Na verdade, todos que por eles foram antes seqüestrados, morreram. E agora? Que farão? Não sabem. Sabem apenas que a pegarão e a levarão ao cativoiro.



A menina se aproxima sem desconfiar. Vem sozinha, descontraída, em direção ao carro parado no seu itinerário rotineiro. Atrás dela caminham dois marmanjos. Pegam-

na e a empurram para dentro do Golf, que sai em disparada. Está consumado o seqüestro.

Galo Cego guia velozmente a caminho do sítio de Pingo e Demo. Enquanto isso, é dado o alarme. O porteiro do prédio ao lado vira tudo e comunicara ao síndico. Este fizera o resto. Em pouco tempo, Florenço Gandini conclui que sua filha está em poder de seus próprios assalariados. Sim, um pressentimento ruim lhe diz que são eles, pelas características físicas descritas. Em contato com Faustino, este conclui o mesmo, e basta anoitecer para as suspeitas se confirmarem: nenhum deles aparece na boate...

Bem tarde, ocorre o primeiro telefonema. É Galo Cego quem fala ao desesperado Florenço Gandini estabelecendo as regras e o resgate, no valor de cinco milhões de dólares em dinheiro miúdo e usado. Avisa que ligará na noite seguinte para ajustar o modo de fazer a troca da menina pelo dinheiro. Deixa claro que dali em diante haveria de haver o silêncio, caso contrário também ele, Florenço Gandini, poderia ter sérios problemas com as autoridades.

Está lançada a sorte. Finalmente vem à tona o plano diabólico de Galo Cego. Custara, sim, a convencer seus comparsas; mas, no final, todos concordaram que valia o risco. Não contavam, porém, com a argúcia de Faustino; ele há muito sabia que os quatro seguranças, principalmente Galo Cego, haviam cometido os três crimes de maior repercussão dos últimos anos. E, principalmente, sabia do sítio, o homizio do grupo. Era forte a possibilidade de ser lá o cativoiro...

## TREZE

Os policiais da DAS (Divisão Anti-seqüestro) se preparam para mais uma perigosa missão. A eles compete resgatar, ilesa, a menina Isabel. Já localizaram o cativoiro, pois o Golf preto fora visto por muita gente ao chegar na roça distante; um policial disfarçado de camponês confirmara: "A menina está no sítio!"




Dentro dos olhos dos policiais civis só há a gelidez. Sabem que enfrentarão quatro bichos selvagens e será imperativo surpreendê-los. Problema maior será a abordagem, não pode permitir reação. Eis a situação, seriíssima em todos os sentidos; contudo, os policiais da DAS são experientes e partem cientes de que a escaramuça terminará em morte...

Faustino segue com os tiras. É indispensável sua participação, pois comparecera ao sítio em épocas de bom relacionamento com os diabólicos facínoras. O passar do tempo fez surgir o cisma no grupo, mas as duas vezes em que visitara o local eram suficientes para descrevê-lo detalhadamente aos colegas da DAS.

No lusco-fusco do alvorecer, hora de sono pesado, os policiais chegam às proximidades do sítio, porém mantendo segura distância para o barulho dos motores não alertar os seqüestradores. Aí sim, divididos em três equipes de quatro homens, avançam silenciosamente. A tática consiste em cercar o local com duas equipes, enquanto a terceira se vai aproximando da casa onde está a menina.

Os destemidos policiais tomam posição. A casa tem dois cômodos com luzes acesas: a sala e um quarto. Os policiais sabem a posição de cada cômodo, porém desconhecem a localização exata da refém. É primordial conhecer esse detalhe, e terá de ser simultaneamente ao ataque. Por conseguinte, trata-se de ação arriscada, tanto para a menina como para os policiais. Mas ali há o fator surpresa em favor deles, além da experiência em situações semelhantes.



Está previamente deliberado que um dos policiais cuidará da proteção da menina, enquanto os demais enfrentarão os facínoras. O resto fica por conta do aleatorismo de sempre, do instinto guerreiro dos policiais, algo inato, inexplicável. Sim, na hora do risco máximo há outros fatores psicológicos que interferem no comportamento do policial, e que nem sempre podem ser previamente estipulados. Mas a firme resolução dos homens e a surpresa costumam neutralizar o oponente, mesmo que somente num átimo, tempo de volver a arma ao ponto mortal do corpo visado e apertar o gatilho. É oportunidade rara, os policiais sabem disso. E assim invadem a casa, tudo rápido, muito rápido, tiros rápidos, e logo um dos policiais sai abraçado à menina e os demais penetram na casa para apoiar os dois que lá estão. Mas apenas vêem a morte carimbada nos olhares espantados de Pingo, Demo e Meleca. Curiosamente, Galo Cego é o único que mantém em suas feições cadaverosas um olhar sinistro, como se, mesmo depois de morto, ainda pudesse fazer mal a alguém. Não há nele nenhum olhar de pavor. Era demônio, e tem final merecido, tanto ele como os demais. Ali há o encerrar de quatro vidas que deveriam servir à sociedade, mas só serviram ao crime.

A operação da DAS é de uma presteza elogiável. A menina Isabel torna à casa de seus pais sã e salva. Florenço Gandini não cabe em si de emoção diante da filha resgatada. Que curioso é o comportamento humano: consegue ajustar dois extremos tão opostos!... Pois ali, perante a filha, Florenço Gandini não projeta a sombra do pilantra que é e continuará sendo. Parece, sim, um inofensivo pai. E os policiais estão convencidos de que um dia poderão estar agrilhoando aquele simultâneo chefe de família e quadrilha, pois, antes de tudo, ele é fedegoso explorador de lenocínio, além de traficante e assassino, isto sim, compatível com seu caráter. Coisas da vida... Não cabe à polícia escolher a quem atender por seus belos olhos. Cabe apenas atender... E morrem ingloriosamente os quatro endiabrados seguranças da Boate Neve. Morrem com as mãos crispadas em armas que não tiveram tempo de usar, mas que antes o usaram contra muitas indefesas vítimas. Com a morte deles desaparece a possibilidade do deslinde de seus incontáveis crimes. Mas quantos injustamente acusados no lugar dos quatro permanecerão réus em processos, muitos deles condenados e ainda encarcerados?... Nada demais, é a assim mesmo a justiça no país da casa-grande e da senzala.



# *Rio Violento*

Segunda Parte

## UM

O centro espírita está lotado. É dia importante. Há um homem que virá para homenagear o Exu, que prestará reverência ao príncipe das trevas e lhe pedirá para abençoar uma vingança. É trato fechado entre homem e demônio, e o homem chega, entra e se posta num canto reservado... Todos lhe dirigem um olhar oblíquo e cosem o chão com temerosas vistas. Do lado de fora, o tom ameaçador dos facínoras armados que ficam a circundar o local é aviso para quem quiser dar meia-volta e sumir. Todavia, ninguém se arrisca: pode ser confundido com policial ou alcagüete e terminar mal. Por isso, os que chegam ocultam o medo e se enfiam rapidamente no terreiro do santo. Mas há – por que não haver? – a curiosidade geral. Que personalidade visita o lugar? Por que um poderoso do crime estaria a pedir ajuda à entidade? Não que não fosse possível pedir algum bem ao Exu. Até poderia, sim, desde que em troca da alma. Afinal, para o Exu tanto faz que lhe supliquem o bem ou o mal: a cobrança futura é idêntica. Mas interessa ao homem se cercar de proteção para encetar vingança terrível. Sim, terrível, os inimigos se fizeram merecedores...

No céu, o cúmulo-nimbo anuncia a medonha trovoada. Logo o Exu gritará seu poder através dos relâmpagos. Sem demora as nuvens plúmbeas se abalroam e a provocam impressionantes estrondos antecidos de faíscas elétricas que levam os presentes ao terror. Nesta hora, o relógio batendo a meia-noite, surge o médium paramentado em estilo demoníaco: capa vermelha, tridente na mão, dorso nu, pés ciscando o chão e fazendo voltar o corpo possuído, a boca soltando sons guturais. Em seguida, ele passeia sobre um tapete de vidros pontiagudos sem cortar os pés descalços; depois, deita-se no vidro, mandando a fila de gente passear sobre ele, pisoteando-o. Há, neste momento, um silêncio tumular. Não se ouve respiração no ambiente. O Exu faz então seu aparelho se levantar, ileso, sem cortes, e o terreiro se transforma no palco do único personagem que lhe ocupa o centro, o Cavalo do Exu incorporado, o cavalo-de-santo que bebe o marafo aos litros e grita chamando o mal-encarado que está em quietude no seu canto: "Avança, fio meu! Avança, fio meu! Vem receber a benção do seu pai!"

Nesta hora, o homem abaixa os olhos e se dirige ao centro do terreiro, postando-se diante do Exu, que lhe fala de novo: "Ajoelha diante de mim, fio meu!" O homem humildemente se ajoelha, sem camisa, vestindo calça alva como a neve. E fala: "Abençá, meu pai!" O Exu, sorrindo e guturalizando palavras ininteligíveis, passa a mão esquerda sobre a cabeça encurvada do homem, que se mostra o mais simples dos homens, apesar de poderosíssimo em seu meio marginal. Mas ele busca sorte e autorização para o que pretende: vingança contra inimigos também poderosos. Por isso está ante seu protetor demoníaco: para ter certeza de que a empreitada dará certo. E ele, somente em pensamento, se dirige ao Exu: "Meu pai, vim pra saber se posso matar meus inimigos e não morrer. Vim pra pedir autorização e proteção!" O ridente Exu bebe uma golada de marafo e lhe responde bem alto, para todos o ouvirem: "Vá, fio meu! Vá e se vingue! Conte com a proteção do seu pai! Mas seja cruel com eles e não falhe! Quero as almas deles pra escravizar nas entranhas onde vivo!"

Neste momento – e que ninguém duvide! –, ouve-se estupendo estrondo do lado de fora, como se os céus enraivecidos fossem desabar sobre os presentes. E todos, dentro e fora do terreiro, arremessam-se de joelhos e caras na terra reverenciando a medo o príncipe das trevas. Em volta, – misturados às nuvens negras que tampam os céus, muito próximas do chão, – em volta estão milhares de demônios festejando em ziguezague eufórico a homenagem ao soberano do Inferno. É a apoteose do preito a Lúcifer, que assiste satisfeito a submissão de muitas almas penadas ao seu poder. Assim a vingança do homem é autorizada, caindo em seguida o aguaceiro.

## DOIS

Negão é o homem, traficante-mor cuja folha penal, se devidamente registrada, daria para rodear o planeta. É mandachuva de quadrilha de mais de cem facínoras fortemente armados e treinados nos mais duros cursos do Exército. Sim, foram conscritos, porém superaram a rigorosidade dos treinamentos. Eram, na adolescência, vapores e soldados na favela da Linha Férrea, portanto bastante ativos no dia-a-dia dos combates reais contra policiais ou bandos rivais. Sobreviveram, atingiram a idade do Exército e lá se enfiaram com missões preestabelecidas, dentre elas a tarefa de arrearmanhar armamento de guerra (granadas, fuzis, munição, pistolas etc.) e desertar; para outros, a missão era se aprimorarem ao máximo para a prática posterior de atividades belicosas. Hoje os cem homens valem por um exército em matéria de periculosidade, e são submissos a Negão, como este o é ao Exu...



Cara de Cavalo, albino feiíssimo, é segundo no mando. Com ele, não adianta discutir, ele nunca fala além da ordem recebida. É reticente, frio e matador compulsivo. É quem faz a cobrança quando alguém da quadrilha pula a vala da traição, espécie de corregedor do crime, que também tem regras, regulamentos e normas. Afinal, o crime se integra ao modelo inventado de civilização: vigia e pune tanto como o sistema oficial... Ora, não é tudo invenção de opressores para vigiar e punir oprimidos? Só que, para o bandido, não há punição que não seja a morte, que nunca ocorre com simpleza: é só imaginar o inimaginável em matéria de tortura, é só voltar aos suplícios da roda e das cavalhadas puxando cordas a destroçar corpos vivos, fazendo-os em pedaços diante de multidões delirantes...



Há ainda Pelado, negro feroz, terceiro na hierarquia do bando. Comanda a rapaziada do gatilho e as empreitadas mais violentas contra inimigos. Responde pela defesa do território marcado pela quadrilha, que é ligada ao Comando Vermelho. E não é fácil a missão de Pelado, eis que há permanente risco de invasão pela quadrilha da favela contígua, tão poderosa como à de Negão, vinculada ao Terceiro Comando. São tão contíguas, as favelas, que, para quem não sabe, pensa-se se tratar da mesma comunidade. Mas não, pelo contrário, até os favelados se detestam, cultura de ódio enraizada há anos e ninguém sabe como começou: se das rixas comunitárias para as guerras entre quadrilhas ou o contrário. Como saber ao certo? Há, contudo, muita especulação e chovem mentiras publicadas, demais de pouca verdade antropológica, ou sociológica, ou jornalística, ou sabe-se lá mais quê, pois quem manda são os bandidos nos dois casos e nos dois lugares socialmente cismados. Portanto, quem decide o destino dos favelados é o poder marginal, – opressor informal, – porque ali não existe poder público – opressor formal. Sim, nenhuma comunidade resiste ao mando dos líderes criminosos. O resto é conversa fiada...

## TRÊS

É terça-feira. Logo nas primeiras horas da manhã, Neguinho se prepara para sair rumo ao alistamento militar. É irmão de sangue de Negão, único, tão valente como o quadrilheiro-mor, motivo de orgulho do chefão. Demais, Neguinho é o principal matador de policiais, o que lhe dá enorme prestígio. Todos o respeitam não apenas por ser irmão do chefão, mas por mérito como guerreiro em contendas nas quais se destacou. Ninguém estranha, portanto, quando Negão vem com ele abraçado em direção à saída da favela, demonstração pública do carinho que um tem pelo outro, abraço sincero brotado de uma parte da alma daqueles bandidos que, apesar de tudo, sentem amor entre si. Seriam ambos como se assim fossem animais ferozes a conviverem em harmonia com os da mesma espécie. Contudo, não há ninguém mais feroz que eles; pode até haver igual, sim, porque é exigência de Negão, que testa seus homens e lhes exige o máximo de audácia em qualquer situação, tal qual militar em tempo de guerra.



Neguinho segue seu destino. Está animado e curioso. Nunca visitou unidade militar, apenas sabe alguma coisa por conversas e fanfarronices de seus comparsas. Mas agora é sua vez de ser testado nos rigores do militarismo. Voltará mais preparado para enfrentar as escaramuças. E assim ele segue pela Avenida Brasil, de ônibus, para não despertar atenção. Ledo engano, de repente o motorista é obrigado a parar numa blitz de patameiros. Neguinho estremece. Está desarmado. Sente vontade de reagir, mas se vê impossibilitado. Percebe que é loucura, é apenas um instinto belicoso que lhe aflora; então logo ele assume a frieza que a situação exige.



Os patameiros entram no ônibus. Na frente, logo de cara, vem o sargento Pompeu, velho conhecido de Negão e Neguinho. Os olhares inimigos se cruzam. Na mão direita do sargento, a arma apontada é seguida da ordem seca: "Desce e vai andando pra porta de trás!" Neguinho se levanta, é revistado e caminha sentindo nas costelas o bico da pistola do sargento. Todos descem, o ônibus é liberado, e Neguinho é guardado na caçapa da viatura.

- Meninos, nós pegamos um peixe grandão, vocês nem imaginam...
- Esse crioulinho magrelo? - indaga um patameiro.
- É, menino. Esse crioulinho é mano do Negão, líder da Linha Férrea. Já matou um montão de polícia. Ele é o diabo! Acho que vamos faturar uma grana de resposta, mas não podemos agir imediatamente. Vamos levá-lo pro sítio de um parceiro pra ver como fazer depois.
- Pô, chefe, por que o senhor não usa aquele cachorrinho que sempre traz serviço pra nós? Ele tem certa amizade com Negão...
- Boa idéia. Vamos primeiro cuidar de Neguinho e depois damos um alô no X-9.
- Quem é o X-9? - indaga outro patameiro.

- Pô, menino, o X-9 é o X-9!... É o cachorrinho!... O cara tem um monte de nome. Diz que é esse, diz que é aquele, e a gente nunca sabe qual é o verdadeiro. É Leco, mas isso é detalhe, ele sempre traz boas paradas! – retruca o sargento Pompeu.

- Tá certo, sargento. Mas, como levar o malandro pro cativo, se tamos de serviço? – indaga o cabo.

- Fácil. Vou ligar pros amigos que tão de folga, e eles levam. Faço muitas paradas com eles. É pessoal firme. Tá na hora de aproximar vocês dos meninos. Já vi que vocês são firmes e quero aumentar meu grupo. Mas quem manda sou eu! Eles não me questionam, e espero que vocês também façam assim, tá legal?

- Correto, sargento! Tamos com o senhor! – fala o cabo, havendo logo o meneio de cabeça dos demais concordando.

O que eles ainda não sabem, porém, é que na cachola do sargento está deliberado que Neguinho fará sua última viagem. Não será devolvido nunca, pois os patameiros da outra guarnição têm por ele ódio mortal. Já enterraram um colega assassinado por Neguinho, e isso a turma de cá desconhece.

- Sargento, e o X-9? Esse cara é tira? – indaga um dos patameiros.

- Que nada! É só X-9! Circula no meio da marginalidade à vontade. Quando tá com a gente vai à favela de ninja pra não ser reconhecido.

- Pô, sargento, já vi esse malandro dirigindo carro da Polícia Civil. Como é que pode? – insiste o patameiro.

- E daí? E se eu disser que ele já vestiu farda de PM e compôs guarnição comigo?... Hein?... Ha! ha! ha!...

- Pô sargento, com esse governo que tá aí, não duvido nada. Esse cara que ganhou a eleição devia é mandar construir alambrado em volta das favelas pra gente não poder entrar, pra gente só ficar de fora, costeando o alambrado, e recebendo tiros de bandido. É isso que esses políticos querem pra polícia. Por mim, se o senhor quer saber, eu mandava esse Leco pro caralho! Não gosto de informante. Enrola os dois lados o tempo todo. O senhor falou que ele se veste de polícia e de ninja, mas deve também se vestir de bandido pra matar a gente e fazer média do lado de lá...

- Porra, menino, do jeito que você tá falando, até parece que sou otário! Tô dizendo que o cara é bom, porra! Se não acredita, pode ficar fora de minhas paradas! – retruca o sargento.

O patameiro, miliciano ainda novato, fecha-se em mutismo. Não está gostando do comportamento de seus companheiros e não aceita promiscuidade com informantes. Está, porém, em desvantagem, sabe que não deve contrariar os colegas de guarnição, pode acabar morto... Também tem idéia de que não é fácil mudar de posição no quartel. Ele fora escalado em PATAMO, e era o que desejava. Agora, o melhor é agüentar firme, embora consciente de que com o sargento não se entrosará nunca. Matar bandidos em surdina, até aí ele aceita bem. Mas arregar pra informante, isto não lhe desce na goela. Enfim, o negócio é silenciar e esperar os acontecimentos...



Não demora uma hora os PMs da outra guarnição chegam ao local marcado. Entre eles está Leco, que mais parece chefe do grupo. O sargento Pompeu diz:

- Meninos, meu plano é o seguinte: Leco faz contato com Negão e dá o recado. Vai ter de desembolsar 300 milhas só pra começar. Logo mais, vamos nos encontrar no sítio. Minha idéia é dividir o dinheiro em partes iguais, como sempre, que aqui não tem essa de superior. No submundo do crime não tem hierarquia, como diz meu amigo aqui – graceja o sargento batendo no ombro de Leco, que sorri cinicamente...

## QUATRO

Ainda durante o dia, Leco telefona e avisa a Negão que seu irmão está seqüestrado e lhe informa o valor do resgate. Negão, desconfiado, diz que mandará apenas metade do dinheiro, e que a outra metade será paga depois de resgatar o irmão. E envia, por Cara de Cavalo, 150 mil reais, que são entregues a Leco numa churrascaria. Leco astutamente alega que está com um irmão também seqüestrado e que só será libertado se bem cumprir a tarefa. É claro que Leco é especialista na arte de mentir. Vive na corda bamba, equilibrando-se em plena ventania. É a sua vida, o seu papel social, e ele desempenha-o muitíssimo bem, além de ser matador frio e calculista. Para ele, tanto faz vencer o bandido ou o policial, desde que ele saia ganhando. Porém – incrível! –, gosta de ver os tratos cumpridos, mormente quando está identificado pelos dois lados...

À noite, Leco se dirige ao sítio. Quando diz que Negão só providenciou metade do dinheiro, e que só mandará o restante quando seu irmão estiver de volta, os PMs estremeçam. Entroolham-se, e não é preciso mais nada para Leco perceber o que houvera:

- Mataram o cara?...
- Lógico, pô! E daí? – brada o sargento Pompeu em irritação.
- Tá certo, mas acho que Negão não vai pagar mais nada sem o irmão libertado.
- E pagaria se a gente libertasse? – atalha o sargento.
- Acho que sim – devolve Leco.
- Mas tá feito! E você vai ter de receber o resto da grana, que inclusive sua parte tá nela. Se falhar, neres de grana! – sentencia o sargento.
- Tudo bem! – diz Leco, dissimulando a raiva. – Me empresta seu celular, que vou ligar daqui pro Negão. Você vai falar com ele que só devolve Neguinho se ele mandar o resto da grana. Se não fizer assim, ele vai é me passar o rodo – completa Leco, exteriorizando aborrecimento.

Feito o contato, Pompeu fala com Negão. É conversa nervosa, e a aspereza tem motivo: o traficante exige que o sargento ponha Neguinho ao telefone... Impossível! Só Negão se comunicando com as entranhas do inferno, lugar ideal para acolher aquela turma toda.

Neguinho não vem ao telefone, o sargento mente para Negão dizendo o que irmão dele está em outro lugar, evidenciando que não negociará em outros termos: ele deve mandar o complemento da grana. Negão propõe marcar um novo dia, através de Leco, argüindo que não dispõe da diferença e terá de acionar alguns amigos. O sargento concorda...

- Irmão, diga pra mim, tô estranhando o sargento. Não gosto dele. Já passou o rodo em muitos dos meus parceiros. Ele é filho-da-puta! Como posso confiar que ele vai mesmo soltar o mano? – pergunta o traficante a Leco, num bar próximo da favela.

- Negão, tu sabes que tô nas mãos dos milicos. Não vou poder atravessar cocaína pra ti, se eles me manjarem. Eles pensam que minha parada é só passar informes pra eles minerar a vagabundagem. Faço isso pra foder os alemão do 3C. Quando avanço algum informe de alguém do CV, é alemão. O CV tá cheio de alemão!...

- Sei disso. Mas como vou fazer? Não posso dar mais grana aos porcos sem o mano de volta. Nem me deixaram falar com Neguinho. Tá parecendo furada...

- Olha só, irmão. Sou sujeito-homem. Se fosse eu, não mandava nada...

Negão entende o recado:

- Valeu, irmão. Só quero que você faça os vermes se encontrar comigo. Sei que o mano não volta. Eles vão ver uma coisa...

- Pode contar comigo, irmão. Já tô puto com eles, e acho que eles tão doidos pra me ripar. Vou fazer isso. Então me diz o local, o dia e a hora, pra eu falar com o sargento Pompeu. Eu falo com você pelo celular, tá certo?

- Tá certo. Depois eu digo os detalhes. Vou planejar com calma. Sei que o mano já era. Agora só quero vingança.

- Não pode demorar muito, que eles desconfiam – insinua Leco.

- Não vai demorar. Essa grana que eles exigiram podia até ter mais um zero à direita, que é pouco. Esses putos mataram o mano por merreca. Eles vão ver só!...

## CINCO

Negão sai do centro espírita aliviado. Apesar do incontido ódio que traz dentro de si, há nele uma ponta de alegria. Afinal, fora autorizado pelo Exu a promover a vingança. Dali, parte direto ao encontro com os assassinos de seu irmão, uma pracinha próxima à favela. Vai certo de que Pompeu não faltará, pois teve antes a frieza de falar com o militar ao celular sem demonstrar qualquer contrariedade. Foi cínico e gelado, concordando com a sugestão do próprio sargento quanto ao local. Mas isto não lhe importava muito, a não ser que o sargento o escolhesse perto de algum destacamento, o que tornaria o seu plano inviável. Mas na pracinha, em razão do comércio feito em diversos trailers, a emboscada seria perfeita...

Na data marcada os traficantes se postam nos arredores para desviar o trânsito e afastar curiosos. Tudo sob controle, eles ocupam as mesas em frente de cada trailer como se fossem clientes. Armas escondidas, esperam a chegada do sargento Pompeu sem saber com quantos ele virá. Todavia, o aparato bélico dos bandidos, ainda reforçado com a chegada de Negão e outros asseclas, não permitirá aos PMs esboçar reação. Mesmo furioso Negão avisa que a operação abortará caso o sargento Pompeu não venha. Mas o Exu protetor de Negão deliberara que aquele seria o último dia do sargento no mundo dos vivos e o fim de quem com ele viesse.

Na hora exata surge no alto da rua, rodando em direção à pracinha, a viatura policial. Vem com o giroscópio desligado, descendo vagarosamente a ladeira que desemboca na arapuca. Tudo parece normal. Mas quando os PMs chegam no ponto da emboscada, não há tempo pra nada. São tantos tiros de fuzil, de metralhadora e de outras armas, que em segundos a viatura vira peneira e o sangue jorra pelos buracos, os milicianos estrebuchando na surpresa da ida à eternidade do nada...

Os facínoras, tendo à frente Negão, conferem o que está feito: mortos. Em seguida, juntam os cadáveres na mala da viatura, todos fardados e amontoados como lixo desnecessário ao mundo. A idéia do traficante é lasciar fogo em tudo. Porém, ele ouve sons de sirene e decide pela retirada. Assim, pois, fica a tétrica cena da vingança do traficante: quatro PMs olhando em terror o vazio, enquanto o sangue deles escorre sinistramente pelas aberturas do carro e vai traçando desenhos surrealistas no asfalto, prova incontestada de que vida torta não compensa. Assim a morte de Neguinho é vingada.



Em pouco tempo, o local se enche de viaturas policiais. Vêm de tudo que é lado, juntando-se policiais civis e militares em torno dos cadáveres, todos estupefatos ante a violência com que os milicianos foram assassinados. Comentam à boca miúda, quais teriam sido os motivos da vingança: o sargento Pompeu quebrara as regras do submundo do crime?... Sim, e por isso morrera levando junto seus acompanhantes. Contudo, no pensamento geral dos policiais prevalece a idéia da arrogância dos

marginais e do desrespeito à instituição a que pertenciam os defuntos. Mas é a própria instituição que lhes nega valor na medida em que anuncia que eles estavam fora do roteiro, em comportamento irregular. Do jeito que a instituição os culpabiliza, assim tão insistentemente, parece que os punirá mesmo depois de mortos...

No dia seguinte, a posição oficial se confirma: os cadáveres são sepultados em desonra. Só que havia um componente psicológico a ser considerado: a indignação dos milicianos se alastrando silenciosamente quartéis afora, desde que foram deparando na tela da tevê com a imagem de seus companheiros sangrados em tocaia por mais de duzentos tiros.

Como controlar a revolta gritante? Como evitar a reação em cadeia e a vingança? Como evitar outras tragédias como consequência?... Ah, isto não pareceu importar ao sistema, que preferiu a deliberada omissão em relação ao caso: enterrados os homens, sepultado o problema, os traficantes festejam o sucesso da empreitada e aplaudem os políticos que desmereceram os policiais, embora nem se soubesse o motivo do bárbaro crime contra eles perpetrado pelos facínoras.

## SEIS

Um ódio recíproco vinha desde muito tempo crescendo entre policiais e bandidos homiziados na favela da Linha Férrea. Pouco tempo antes, quatro policiais civis foram vitimados pelos mesmos traficantes. O assassinato dos policiais civis não fora menos bárbaro. Em dia de corrida clandestina de automóveis ("pega"), num bairro próximo à favela, mais de sete mil assistentes deliravam e consumiam cocaína protegidos por pequeno exército de soldados do tráfico comandado por Pelado. Foi quando inadvertidamente cruzou pelo local uma viatura da Polícia Civil com quatro policiais. Pararam e desceram com o intuito de reprimir o evento, que, porém, se antevia muito além de suas reais possibilidades. Mas policiais são voluntariosos, constantemente aleatórios e certos de que sempre vencem.

Naquela noite, porém, não seria o caso dos quatro, que foram subitamente rendidos e instados a se ajoelharem no asfalto. Implacavelmente fuzilados, morreram ali mesmo, ante a delirante platéia. O sistema novamente cuidou de apenas enterrá-los, mas não apagou da alma dos demais policiais a terrível brutalidade, ampliada com o assassinato dos quatro PMs. Sim, oito policiais dizimados pela mesma quadrilha em poucos dias. Ah, tempos difíceis!...

## SETE

Os PMs são sepultados em cemitérios diferentes e a revolta é perigosa evidência de que muitos podem partir à desforra. O sistema, amedrontado pelo fato de ter negado aos mortos qualquer honraria, faz-se presente discretamente. A imprensa, porém, comparece ao enterro do sargento Pompeu. Desta maneira, os repórteres fotografam os milicianos presentes, alguns consternados, outros indignados. É domingo, dia de futebol, tema principal da mídia, os jornais dão ênfase muito mais aos assuntos desportivos que ao assassinato dos milicianos acontecido na véspera.

Na mesma noite, Negão decide festejar no centro espírita a grande vitória. Leva enorme aparato, comandado por Pelado, para garantir sua proteção terrena. Ele não é bobo, sabe que pode dar de cara com algum grupo revoltado. Se ocorrer, mais corpos serão ensangüentados, pois Negão não conhece o medo. Para ele, filho de Exu, o seu fim só chegará por vontade da entidade. É no que crê, e decide pela comemoração. Mas, por cautela, os homens são levados por Cara de Cavalo para outro homizio e a favela fica vazia de bandidos. Só permanece o povoléu, pasmo com o brutal acontecimento, mas que não lhe afetara a vida: o fato ocorrera fora da favela.



No terreiro, tudo é festa. As oferendas levadas ao Exu lotam o ambiente. As pessoas disputam lugar para ver de perto o famoso bandido que torna em gratidão. Novamente vestido de branco, com deslumbrante guia de ouro atravessada ao peito, prostra-se diante do pai-de-terreiro, do seu guia espiritual, do cavalo-de-santo do Exu, este que vem soltando grunhidos de satisfação. E diz a Negão: "Ocê venceu, fio meu, mas ainda hoje recebo mais almas. Ocê num volta pra favela, não, que a tempestade vai desabar naquele chão. Já coloquei as nuvens andando, fio meu, mas ocê tá protegido. Num vai lá hoje, não!..."

Negão estremece. Não pensara em ir à favela. Imagina em sobressalto que o outro homizio da quadrilha fora descoberto. Também conclui que haverá confronto ali mesmo, no terreiro, a tal ponto que se ouriça, e brada aos quadrilheiros um grito de alerta, e sai com eles para o lado de fora, armas crispadas nas mãos, olhos de lince, mas nada há além da calmaria. Há, porém, o espanto dos presentes, que se enfiam pelo chão quase que o furando com seus corpos amedrontados. Até o pai-de-santo se esquece do Exu e se arremessa atrás do altar. E o Exu, com o rabo entre as pernas, pula fora do seu cavalo, assustado com a feroz reação de Negão e seus asseclas. Eles estão possuídos por milhões de demônios e Negão está com o próprio Lúcifer nele incorporado. Mas logo vem o sossego. Como já alertara o Exu, a tempestade não seria ali...

## OITO

Ainda de tarde, no enterro do sargento Pompeu, enquanto muitos externam indignação e vociferam impropérios contra as autoridades, um homem percorre o cemitério surdamente avisando que de noite todos se reunirão para a vingança. É o informante, para amenizar a desconfiança que paira sobre ele por parte dos que sabem de sua participação no episódio que culminara na tragédia. Falam em traição, mas Leco vai friamente descartando as insinuações.

Mesmo em clima desfavorável, Leco consegue convencer a muitos dos milicianos de sua isenção, ainda lhes pedindo que façam contato com os amigos dos outros igualmente assassinados para planejarem a vingança. Assim, a pouco e pouco se foi mobilizando o grupo, sem que ninguém além dos convidados note a manobra arguta de Leco, logo ampliada por igual iniciativa dos amigos do sargento. Porque é certo que os que não foram ao encontro do traficante Negão e se livraram da morte, agora só querem matar...



É perto da meia-noite. A favela dorme. Os traficantes não passeiam pelas ruas e vielas. Não há boca-de-fumo funcionando. Apenas num bar alguns favelados bebericam. Ninguém nota as diversas silhuetas que vão tomando forma de gente mascarada e armada vinda de tudo que é lado. São homens de ninja, e, por mais que tentem dissimular, não ocultam dos experimentados moradores que são milicos. Porém logo tomam forma de gente selvagem dentro da favela, que não reage, pois os bandidos estão em outras paragens... Tiros são ouvidos na favela contígua, por onde

outros ingressam. E explode a tempestade vaticinada pelo Exu: homens, mulheres e crianças fenecem grotescamente no caminho dos vingadores em noite diabólica.

Na birrosca, inadvertidos favelados comentam o resultado do jogo havido à tarde. Os mascarados os abordam. Ninguém duvida de que são PMs, até porque exigem ver os documentos dos presentes, algo típico de policiais em blitz. Alguns reclamam afirmando ser trabalhadores. Subestimam a maldade dos tresloucados: são sumariamente eliminados ao estrondo das granadas e ao pipocar dos tiros raivosos.

Enquanto a desgraça assola o bar, outro grupo revista a casa que seria de Negão, e quem nela se encontra morre por conta da possibilidade de se tratar de parentela do bandido. Não eram parentes, morava na casa uma família evangélica, que morre sem chance de se espantar... Mas, insolitamente, duas crianças são poupadas e correm para o quintal vizinho. Outras pessoas são friamente assassinadas pelas ruas e vielas, tudo muito rápido. Depois, os homens saem e matam mais um do lado de fora. No dia seguinte, os cadáveres formam um dantesco espetáculo.

O desespero toma conta dos moradores, todos em indescritível espanto ante o tenebroso fato. O clamor invade a cidade e se torna internacional. O foco do nefasto acontecimento desloca-se para os autores da carnificina. Não poderia ser diferente, e as clamorosas cobranças fazem o sistema se movimentar na contramão da verdade que deveria ser isentamente buscada, mas que é substituída pelo açodamento daqueles que, um dia antes, olvidaram a hipótese de retaliação promovida por amigos dos quatro PMs. Eles não preveniram nada, porém surgem, — como os oráculos e adivinhos dos remotíssimos tempos, — em desmedido poder, dando solução ao tenebroso crime, com a polícia, geralmente incompetente e desleixada, de súbito se transformando na “melhor do mundo” e “elucidando” o bárbaro crime em horas...

O primeiro passo da ilusória investigação somente é possível graças às fotos tiradas pela imprensa no sepultamento do sargento Pompeu, somente no dele. Azar de quem ficou na mira dos fotógrafos, pois foram eles, os aleatoriamente fotografados, que vieram a compor a lista dos acusados pela chacina, em providência semelhante ao exemplo contido no romance Papillon – O homem que fugiu do inferno, de Henri Charrière:

Vou ser julgado pela morte de um protetor de batotas, rufião e dede-duro da boca do lixo de Montmartre. Não há prova alguma, mas os policiais – promovidos a cada vez que descobrem o autor de um delito – vão sustentar que sou eu o culpado. Não tendo provas, vão jurar que possuem informações ‘confidenciais’, que não deixam qualquer dúvida. Uma testemunha preparada por eles, verdadeiro disco gravado na Chefatura de Polícia, um homem chamado Polein, será a peça mais eficiente da acusação. Como sustento que não o conheço, o presidente, em dado momento, me pergunta, muito imparcialmente:

– Você diz que a testemunha está mentindo. Muito bem. Mas por que estaria mentindo?

– Senhor presidente, se eu passo noites sem dormir desde que fui preso, não é de remorso pelo assassinio de Roland le Petit, pois não fui eu. É justamente porque eu procuro saber o motivo que levou essa testemunha a ficar tão encarniçadamente contra mim. Cada vez que a acusação fraquejava, ele vinha com novos elementos para reforçá-la. Cheguei à conclusão, senhor presidente, de que a polícia o pegou num flagrante muito sério e que fez um acordo com ele: – Vamos esquecer o caso, mas você tem que acusar o Papillon.

Nem eu podia imaginar como estava certo, pois Polein, apresentado no tribunal como homem honesto e de folha limpa, foi preso e condenado alguns anos mais tarde por tráfico de cocaína.

Eis que cada acusado ia surgindo deste modo insano, porque Leco, amigo e sócio do sargento Pompeu, preso como suspeito de participação na chacina, é apresentado como "testemunha-chave", torna-se o "Polein contemporâneo", o que permite ao sistema apontar inúmeros acusados à insaciável opinião pública. E a imprensa, ante a tenebrosidade do crime, torna-se cega, surda e muda a qualquer notícia discordante dos anúncios sensacionais promovidos pelos oráculos e adivinhos, especialmente porque ele, o sistema, apresenta celeremente seu gado de corte à apreciação dos que queriam vender mais jornais e revistas ou alcançar maior audiência que seus concorrentes em rádios e tevês.

Deste modo, — passados alguns dias, — o sistema considera o crime elucidado, posto ter investido pesadamente na contrapropaganda e no desvio das atenções para focos alheios à verdade argutamente abandonada, com os mentores da "solução" apresentando em tempo recorde os "autores" da atrocidade, tudo, porém, resumido à acusação proferida por Leco, que insistia em dizer ter ouvido de um dos réus que este, — e os demais por ele referidos, — participaram do tenebroso crime, mas com o tal réu peremptoriamente negando ter-lhe falado alguma coisa.

Ao cabo de tudo, só resta a acusação formulada ao modo de Polein; ou melhor, há as tétricas imagens dos corpos ensangüentados e enfileirados em caçambas do IML, cena capaz de condenar qualquer um em emoção dos jurados, sendo ou não culpado. Daí é que a imagem dos corpos mortos é argutamente substituída pela imagem dos corpos encarcerados andando à matroca num espaço restrito do quartel (a jaula) e expostos às filmagens direcionadas à "grande solução" dada ao crime: tais os "cavalos corredores" na fila do abate.

Afinal, como nos tempos medievos das carroças levando ao patíbulo os condenados, também o povo contemporâneo clama por vingança. E o sistema a promove reeditando o espetáculo do suplício: prende inúmeros inocentes, que se vêem dilacerados em seus espíritos por conta do delírio coletivo que toma conta do país e do mundo. Eis o modelo selvagem de punição aplicado ao corpo do Damiens de Foucault. E ninguém, ante as imagens tétricas, consegue pensar: todos estão encolerizados demais, e a vida de inocentes é para sempre danificada...

Ah, quem seria capaz de sugerir sensatez ante estupenda selvageria? Que diferença faz se os acusados praticaram ou não a atrocidade? No fim de contas, não são policiais tomando no fiofó?... Para que policiais têm de ter identidade, personalidade própria, individualidade, família? Sim, para quê? Ora, para nada!... Conseqüentemente, tanto faz que os acusados sejam ou não culpados; afinal, não são os que Leco aponta como chacinadores, por ter "ouvido" a tal história do seu amigo? Ora, há algo tão conveniente ao sistema para salvar o próprio rabo?... Não!... Não há!...

Com efeito, não havia como buscar solução que não fosse a de "acreditar" em Leco e o apresentar como um "idôneo sargento do Exército" que se recusara a participar, com seus amigos policiais, da atrocidade, e que, num rasgo de sinceridade e de arrependimento, decidira contar tudo aos homens do sistema, depois de ter sido apanhado lá longe, na zona rural, "por engano", como se fora PM... Ora, ele jamais fora PM, e a corporação não possuía, obviamente, o seu endereço cadastrado em arquivo algum. Puxa vida! Que sorte, hein! Foi como acertar sozinho na mega-sena!... Sim, sim, o sistema acertou sem jogar, pois é certo que o providencial informante nunca fora sargento, mas facínora do CV de elevada estirpe: homicida, traficante internacional de drogas, seqüestrador, assaltante, e tudo de ruim que se possa acrescentar a uma folha corrida de bandido.

O clamor da chacina soa mais forte que tudo, bem como a publicidade de banco oficial fala mais alto que tudo. Daí se explica a univocidade das notícias, que se vão avolumando contra as pessoas ao bel-prazer dos maliciosos oráculos e adivinhos do sistema. Cá pra nós, ninguém resiste a um sopro mal-intencionado dado ao pé-de-

ouvido, ainda mais acompanhado de atraente encarte ou de onerosa clichagem publicitária...

Deste modo, aos maliciosos do sistema não lhes sobram inimigos de pé, todos são execrados em falsas acusações pela via simplória das mentiras saídas do boquirroto irresponsável do informante-bandido-do-comando-vermelho, com ele sempre dizendo que "ouviu" de tal ou qual policial, ou de tal ou qual bandido, que alguém praticara ou mandara praticar determinado crime, que realmente acontecera, mas por conta de outros autores e culpados, e especialmente por conta dele próprio. Isto é deveras fácil, pois basta ao sistema consultar resenhas jornalísticas guardadas em arquivo e escolher em delegacias alguns inquéritos policiais instaurados para apurar crimes sem solução. Que boa hora para também os solucionar, hein?... Que chance de ouro, hein? Que oportunidade única para fornicar adversários pessoais e políticos, hein?... E tome falsa acusação no fiofó dos contrários, que nem tempo de rebolar têm. Os alvos do sistema vão, na realidade, agasalhando acusações sem a menor possibilidade de levantar suas vozes. A eles só cabe pagar advogados para tentar perder de menos...

## NOVE

O tempo é o senhor da razão, diriam alguns o aforismo tão repetido. Mas também destrói vidas, danifica famílias e infortuna toda a gente em sua inexorável passagem. Ninguém lhe escapa sem receber marcas. O tempo ainda não venceu a bem-sucedida trama do passado. Nem interessa a ninguém saber que a maioria dos acusados foi inocentada por decisões ministeriais e judiciais reconhecendo a evidência da tramóia contra os tornados réus por via da palavra monitorada do bandido do CV, que, provavelmente, é um dos chacinadores de Vigário Geral. Claro que, nesta condição de suspeitíssimo, ele não se arriscaria a acusar seus verdadeiros comparsas...


Como no absurdo caso do "Pelé", ou do tenente que socorreu o sobrevivente da Candelária e viu morrer de tristeza o pai, este, que não teve tempo de vê-lo inocentado, ou como em vários casos de inocentes falsamente acusados de crimes, os insidiosos mentores das tramas ficaram impunes. Afinal, este não é o país das asseadas instituições e dos salvadores da pátria?...

Ora, num Estado absurdamente interventivo, como o nosso, - em que burocratas sem notoriedade buscam-na por vias oblíquas, e muitos deles não respondem por seus atos errôneos ou criminosos, - num Estado como o nosso é sempre a gentalha que morre ou é presa. Não importa a verdade. Vive-se o surrealismo conveniente; vive-se o imediatismo interesseiro; há muito espaço institucional para a proliferação de absurdos e a acolhida dos cínicos, dos falsificadores da verdade, dos inventores de sofismas, enfim, todos criminosos com ares de beatos, porém certos da impunidade oficializada. Tudo bem, mas, e a ordem pública?...

A ordem pública?... Qual? Ora, nenhuma! A tal civilização sempre foi e será formada por homens socialmente ruins. É o desempenho de papéis da sobrevivência num mundo de desigualdades. É jogo de poder, e ninguém quer perder seu pedaço, nem que seja à custa do infortúnio de outrem.

O sistema massacra barbaramente as pessoas como se reeditasse o funesto tribunal do Inquisidor-Geral Tomás de Torquemada; o sistema aniquila rotineira e sistematicamente as pessoas, mata-as de roldão nos hospitais malcuidados, mata-as de fome e deixa-as morrer de tudo que é modo, inclusive de tiros. Porque, se forem somadas as mortes isoladas durante um mês, somente na cidade do Rio de Janeiro, elas provavelmente serão quantas... Ora, não importa: apenas se constatará uma carnificina maior que a das 21 pessoas de Vigário Geral.

Que diferença faz o tempo? Importam o lugar e o tempo, se o modo de matar é o mesmo? De quem é a culpa por tanta matança? Da Sociedade e de seu Estado ineficiente, é evidente! Mas a Sociedade e o Estado sempre reagem como se santos



fossem, muito embora sejam protagonistas diretos ou indiretos das matanças individuais e coletivas, por ação ou omissão.

As matanças concentradas, por maiores e mais violentas, ainda se mostram infinitamente menores que as individualizadas e espalhadas pela cidade em dias consecutivos. Num contexto desse, que coloca o Estado no merecido lugar de monstro matador, que mal há em mandar inocentes aos grilhões para salvar as aparências?... Mal nenhum, pois, a ser um mal, que seja ele "necessário"... E a mentira é um mal necessário, azar da verdade, que está sempre em desvantagem, o que dificulta a prevalência do Bem e faz triunfar o Mal.

Como disse João Ubaldo Ribeiro em magistral visão de como se formou a sociedade brasileira – gravada em Viva o Povo Brasileiro: "O segredo da Verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias." Sim, e quem faz a história é o vencedor. Conseqüentemente, suas idéias e atos nefastos sempre prevalecerão sobre a crença dos vencidos.

Assim é que a verdade da chacina de Vigário Geral ficará para sempre sepultada junto com os física e moralmente chacinados (tanto os da favela como os inocentes da polícia), para gáudio de um sistema que, usando e abusando do muque e da impunidade oficializada, ou seja, usando e abusando do poder, sagrou-se vencedor e evitou a intervenção federal... Ora, ora, que se há de estranhar, se em países terceiro-mundistas o vencedor é sempre o Estado?

Não, não!...

Devemos estranhar, sim! Afinal, cabe aos cidadãos reagirem a isso e tentar melhorar a Sociedade, porque nenhum Estado fará isto, nenhum Estado jamais será Povo ou Sociedade ou Comunidade!... Ora bem, talvez escrever para a posteridade seja um caminho a trilhar, e quiçá o único, porém com a certeza de que policiais-militares jamais serão cidadãos brasileiros plenos; jamais ultrapassarão a aviltante condição de "bois de piranha" de um sistema fétido... Até que o caldeirão da revolta um dia entorne!... Ah, um dia entornará, é certo que entornará!...